

A Revolução Russa e as primeiras notícias no Brasil

Iamara Silva Andrade¹

Resumo: O objetivo desse trabalho é apresentar como a imprensa brasileira em 1917 abordou as notícias da Revolução Russa que se tornaram delineadoras das visões de mundo presentes na trajetória política do Brasil. A hipótese inicial é que os jornais enquanto força social ativa construíram leituras que atuaram na elaboração de perspectivas e consciências históricas que permeiam as análises sobre a experiência soviética até os dias atuais.

Palavras-chaves: Revolução Russa, Imprensa, Notícias.

The Russian Revolution and the first reports in Brazil

Abstract: The aim of this work is to present how the Brazilian press in 1917 approached the news of the Russian Revolution that became delineators of the worldviews present in the political trajectory of Brazil. The initial hypothesis is that the newspapers as an active social force constructed readings that worked in the elaboration of perspectives and historical consciences that permeate the analyses on the Soviet experience until the present day.

Keywords: Russian Revolution, Press, News.

¹Doutoranda – Programa de Pós-graduação em História - UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS - Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: iamarandrade53@gmail.com

Introdução

Durante o século XX o noticiário internacional se destacou em prestígio e importância no jornalismo brasileiro cujas empresas reorganizavam suas estruturas de forma mais complexa a partir de investimentos na modernização do parque gráfico, das técnicas de impressão e do incremento da publicidade e da rede de distribuição que exigiram mudanças de padrões editoriais dos jornais rumo a um modelo mais político que literário.

No ano de 1917, a dinâmica urbano-industrial que se formava na sociedade brasileira com ampliação do mercado leitor era favorável ao crescimento e diversificação do mercado editorial no qual os jornais diários e vespertinos divulgavam as notícias num formato de retrato instantâneo do momento com as disputas políticas e os acontecimentos que se destacavam no cotidiano².

A utilização do telégrafo a partir da década de 70 do século XIX permitiu a atualização constante e rápida das notícias de um mundo antes longínquo e desconhecido que se tornou próximo e visível. E para potencializar o uso informativo dos cabos submarinos foram criadas as agências de notícias atuando para tornar o mundo mais compacto numa rede de jornais desde a fundação em 1835 da pioneira francesa *Havas*, seguida por sua concorrente nacional *Reuter* e pela nova iorquina, *Associated Press (AP)*. O Brasil entrou em 1877 nessa malha dos serviços telegráficos das agências europeias com os jornais cariocas publicando em primeira página os telegramas internacionais³.

Os jornais brasileiros em 1917 já adquiriam máquinas linotipos que superavam as composições manuais, máquinas fotográficas, métodos fotoquímicos e logo apresentaram modernizações nos moldes empresariais que se aprofundam na década seguinte a partir de inovações técnicas, publicidade, aumento da tiragem, qualidade e rapidez de impressão⁴.

²COHEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos”. IN: LUCA, Tania Regina de e MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp.104-105.

³AGUIAR, Pedro. *Jornalismo internacional em redes*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008, pp. 24-25.

⁴BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p.22.

De acordo com Tânia de Luca, a expressão grande imprensa é uma forma genérica e imprecisa para designar títulos que num contexto histórico se caracterizam por serem os mais significativos nos aspectos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro⁵.

Os jornais eram o mais eficiente meio de comunicação entre os trabalhadores cuja experiência de militância anarquista marcou a fase inicial da organização do movimento operário quando ligas e associações foram fundadas não apenas para representação dos interesses das categorias, mas também para a oferta de atividades que agregassem os seus associados, como grupos de teatro, bibliotecas e centros de estudo. Os periódicos operários eram um espaço privilegiado de debate político e um meio de fortalecimento da solidariedade que se expressava nos esforços para manutenção dos jornais⁶.

A imprensa é fonte e objeto para a compreensão das interpretações da Revolução Russa elaboradas pelos jornais, por isso é importante uma análise cuidadosa das notícias veiculadas na grande imprensa e imprensa operária como expressão escrita das inquietações, debates e elaborações sobre este “horizonte vermelho” que se abria diante do mundo. A imprensa deu forma aos acontecimentos que registrava de acordo com as conjunturas específicas de relações com o poder e das lutas por hegemonia sobre os modos de vida.

Darnton afirma que a imprensa se insere historicamente na vida moderna enquanto uma força social ativa na constituição dos modos de vida, perspectivas e consciência histórica. Por isso, quando a imprensa e as mídias noticiam estão delimitando espaços, demarcando temas, mobilizando opiniões, constituindo adesões e consensos⁷.

O objetivo deste artigo é apresentar e analisar algumas notícias dos jornais brasileiros sobre a Revolução Russa nos meses de 1917 e apontar possibilidades empíricas para uma posterior aproximação de conceitos e abordagens do jornalismo no âmbito da Comunicação.

⁵LUCA, Tania Regina de. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”. IN: LUCA, Tania Regina de e MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p.149.

⁶COHEN, Ilke. Op, Cit, pp.130-131.

⁷DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

A trajetória das notícias russas em 1917 na grande imprensa brasileira

As primeiras notícias da Revolução Russa nos jornais da grande imprensa brasileira surgem caracterizada com aspectos positivos de emancipação, libertação, patriotismo, união, direitos, elementos que sustentavam a continuidade “solidária” de participação na guerra, ponto que vai ser abordado por todas as matérias para qualificar ou desqualificar os diversos momentos das mudanças políticas da Rússia em 1917.

O jornal gaúcho, *A Federação*, em 05 de maio de 1917, publicou na primeira página a matéria com o título “A Revolução Russa e a Grande Guerra” com assinatura de nome *Reis de Carvalho*, caracterizava o acontecimento russo como “anti-germânico” cuja vitória pôs fim a “obra dos traidores” e conclui dizendo que a Revolução Russa é o “presságio da rápida vitória final dos aliados”⁸.

Os jornais saúdam a Revolução de Fevereiro atribuindo-lhe a posição de ser adversária dos alemães, característica de prestígio num momento em que o Brasil estava ao lado dos aliados e a imprensa transformada pela Primeira Guerra Mundial acompanhava diariamente os acontecimentos bélicos.

Mas, o tom das notícias de começa a mudar a partir de junho, quando no dia 24 o jornal paulista, *Correio Paulistano (CP)*, na primeira página intitula como “A anarquia russa” uma coluna que começa relatando a organização de um novo gabinete por comitês russos de operários e soldados com várias frações políticas na missão de paz sem indenizações e anexações⁹.

No final do primeiro semestre de 1917 com o acirramento dos conflitos entre o Governo Provisório e o poder dos Soviéticos, especialmente o de Petrogrado, e o crescimento das greves, começam a surgir notícias sobre as propostas soviéticas e dentre elas, a questão da paz foi o tema mais valorizado pela imprensa que acompanhava com atenção quais os rumos que a Rússia seguiria na Primeira Guerra Mundial, já que sua permanência no bloco dos aliados era um elemento geopolítico importante para a derrota da Alemanha.

A matéria do *CP* citada anteriormente não se refere a telegramas, nem se encontra assinada, apresenta uma avaliação de que a posição russa de acordar a paz em

⁸*A Federação*, Porto Alegre, 05 de maio de 1917, p.1. Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional.

⁹*Correio Paulistano*, São Paulo, 24 de junho de 1917, p.1. Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional.

separado no São João de 1917 iria prejudicar os interesses dos Estados Unidos, mas as esperanças não estavam perdidas porque “os comitês, que estão dispendo despoticamente dos destinos do povo moscovita, têm uma autoridade pouco extensa; a eles não poderão sobrepor-se, afinal, as resoluções que não forem tomadas pela constituinte, a qual ninguém sabe ainda como será composta”, além de que havia lideranças políticas favoráveis à permanência na guerra. O problema era que a “anarquia” seria grande no ex-império russo com desordens no sul mesmo após a contenção de Kronstad, “essa anarquia é o pior inimigo dos aliados e da própria república moscovita; consome e esgota o poder central, inibido de exercer uma ação de administração e de governo no meio de uma sociedade tão indisciplinada”.

No último mês do primeiro semestre de 1917 começa a associação entre a ideia de anarquia e as ações dos comitês de operários e soldados, nessa conexão é construído um fio condutor formado por palavras como “desordem”, “indisciplina”, “despoticamente”, “inimigo”, sentidos que começam dar significados as interpretações que os jornais fazem das escolhas políticas dos rumos da Rússia desse período e que se observa terem caracterizados experiências que sob algum aspecto lembrem os russos de 1917.

O *Correio Paulistano* do mesmo ano, em 15 de setembro, na página principal, busca a atenção do leitor com o tema “*O Batalhão Feminino e a Revolução*” para publicar um telegrama de New York que destacava elogios ao batalhão feminino que prestou durante a revolução “inestimáveis serviços” com um “efetivo de mil e cem mulheres” e divulgava uma declaração da segunda comandante do batalhão, “senhorita Michaeloff” onde “desmentia, indignada, os boatos de que ela e suas companheiras fossem partidárias do general Korniloff” e garantia que o batalhão feminino era o mais “disciplinado, leal, patriótico” que só “desejava combater o inimigo”¹⁰.

Apesar de ser inusitada a participação feminina na guerra surge na matéria do jornal como uma inovação positiva já que servia a vantagens da Rússia na guerra mundial, logo aos interesses dos aliados. Por outro lado, é uma informação que já demarca as novidades políticas que começam a chegar da Rússia e mais tarde a questão feminina na Revolução será um dos temas mais debatidos e acompanhados na imprensa

¹⁰*Correio Paulistano*, São Paulo, 15 de setembro de 1917, p.1. Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional.

brasileira por seu aspecto inovador e polêmico para uma sociedade herdeira do patriarcado escravista colonial.

Nessa mesma edição de setembro do *CP* um telegrama garantia que o governo russo “queria dominar o espírito da anarquia” e divulgava uma entrevista de Kerensky ao jornalista Sheperd da “United Press” onde declarava que o general Korniloff estava se preparando para entregar-se e que o comitê de soldados poderia interferir apenas nos negócios internos dos regimentos. Na mesma coluna era transmitida uma declaração do ministro Terestchenko que pedia a compreensão dos Estados Unidos ao momento de crise interna da Rússia e garantia que as “energias nacionais se concentrariam no prosseguimento da guerra, sem tréguas e sem vacilações contra os impérios centrais” enquanto os “problemas da revolução ficaram adiados para depois da vitória”.

Na entrevista de Kerensky se nota uma tentativa de demonstrar controle da situação de crise do governo provisório após a tentativa de golpe de Korniloff e o fortalecimento do Soviete de Petrogrado, e segue nessa intenção a matéria do *CP* ao demonstrar que os problemas internos russos não comprometeriam a participação na guerra com os norte-americanos, mais uma vez a preocupação da permanência beligerante da Rússia.

Na segunda página do *CP* do dia 15 de setembro se encontra uma matéria assinada por *Max Nordau*, médico e jornalista húngaro, que viveu entre Paris e Hungria, e no início do sucesso literário publicou sobre suas viagens, a obra “Do Kremlin até Alhambra”. Nordau inicia o texto “A Rússia e a Alemanha” qualificando a Revolução Russa como uma das maiores da história universal e único “fruto positivo” da guerra mundial, e um “progresso imenso para humanidade”. Em seguida, explica que a Rússia estava incapacitada de continuar na guerra porque seus exércitos estavam em “debandada”, os laços da disciplina quebrados e as tropas ocupadas com política. Para *Nordau*, os russos teriam um “propósito concreto, não lutam por abstrações, como a liberdade de direito dos homens, mas pela posse das terras dos grandes proprietários”, e esclarece que os “operários querem apoderar-se das fábricas em que trabalham como jornaleiros”, “reclama a paz em alta grita e mascaram seu egoísmo, com grandes frases de humanitarismo, de fraternidade dos povos, de justiça e de caridade”.

É interessante notar a relação do *Correio Paulistano* com o jornalismo internacional ao publicar na íntegra uma extensa matéria de *Nordau* que apresenta uma

análise dúbia onde procura qualificar a concreticidade do movimento russo ao mesmo tempo em que o desqualifica como “egoísta” por defender a paz. Essa dubiedade se apresenta na imprensa ao longo de 1917 até que após outubro começam as definições das escolhas políticas soviéticas da Revolução Russa.

Novas notícias chegam sobre o batalhão feminino em 24 de setembro de 1917 quando “*O Estado de São Paulo*” publica em primeira página após o anúncio do fechamento das escolas superiores russas até o fim do ano, com exceção de Medicina e um telegrama de New York datado de dois dias antes que se intitulava “Motins no batalhão de Mulheres-soldados de Moscou” e anunciou que “se amotinaram as recrutas” que estavam recebendo instrução militar em Moscou, e na “sublevação atacaram e feriram” a chefe, Vera Dutchkereff, reivindicando o direito de voto a todas as mulheres alistadas no exército. O movimento das mulheres-soldados foi “reprimido pela guarnição de Moscou, sendo dominadas as revoltosas, que foram licenciadas”¹¹.

Assim, num breve intervalo de nove dias há uma nova notícia sobre o batalhão russo feminino, mas nesse segundo momento se observa a postura de valorizar a repressão das “revoltosas” e minimiza a dimensão da insatisfação das mulheres-soldados quando identifica apenas com a busca pelo sufrágio universal e reforma da instrução pública e a revolução russa era uma “fase de evolução mundial para a igualdade, liberdade e fraternidade”¹².

Dentre os jornais pesquisados, o primeiro a citar o nome de Lênin foi o *Correio Paulistano* na edição do primeiro dia de outubro em manchete nos títulos de notícias sobre a Primeira Guerra Mundial que estampava a seguinte frase: “*Os maximalistas protegem o agitador Lenine*”, num telegrama de New York, provavelmente da *Associated Press (AP)*, comunicando que o Governo Provisório da Rússia, “respondendo aos maximalistas, a respeito da inviolabilidade do agitador Lenine, declarou que não mandaria prendê-lo dentro do recinto do Congresso”, mas o faria em qualquer lugar fora dali, por isso, segundo a matéria, os “maximalistas resolveram então não deixar fazer sair, Lenine, do lugar que estava oculto”¹³.

¹¹*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 de setembro de 1917, p.1. Acervo Digital – O Estado de São Paulo.

¹²*Correio Paulistano*, São Paulo, 10 de julho de 1917, p.1. Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional.

¹³*Correio Paulistano*, São Paulo, 01 de outubro de 1917, p.1. Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional.

Dessa forma Lênin surge na imprensa brasileira como um “agitador” protegido pelos “maximalistas” e em seguida como um espião alemão que estava foragido do mandado de prisão do Governo Provisório.

O jornal baiano “*A Cidade*” em 15 de outubro de 1917, intitulou de “A anarquia da Rússia” um telegrama de Londres que informava o auge da carestia de vida em Petrogrado resultou em saques em armazéns e tiroteios com a força pública com mortos e feridos. Nessa matéria procura-se a compreensão da “anarquia” como reação ao alto custo de vida dos russos, mas um problema resolvido pela chamada “força pública”¹⁴.

O “*A Cidade*” em 13 de novembro resume a situação russa com os seguintes informes: “A Rússia convulsionada – Guerra Civil em Petrogrado – Moscou a favor de Kerensky” e diz que recebeu informações de que “os soldados russos proclamaram a guerra santa contra os inimigos internos e externos da Rússia: 500 mil homens aderiram ao movimento dos maximalistas e destruíram a parte da ferrovia entre Petrogrado e Gatchina para impedir o avanço de Kerensky” que tinha o apoio da cidade de Moscou¹⁵.

O anúncio de uma Guerra Civil na Rússia e o crescimento da ação do conselho dos operários e soldados era acompanhado por notícias que garantiam a vitória de Kerensky e para descredenciar a proposta de paz a avaliava como vantagens para a Alemanha.

A segunda quinzena de novembro de 1917 começa no dia 15 com a seguinte manchete na primeira página do “*Correio da Manhã*”: “Kerensky mais uma vez vitorioso”, em seguida a notícia dizia que “os maximalistas de Petrogrado desistiram da Revolução e fizeram causa comum com o Sr. Kerensky após a entrada deste na capital”. Nessa mesma coluna, em outra nota sobre Petrogrado afirma que “o número de mortos e feridos nos combates ali travados entre maximalistas e legalistas sobe a setecentos”, mas ressalta que os números poderiam aumentar devido à continuidade dos combates, já que, a “anarquia crescia, sendo inúmeros assassinatos e roubos” com o “populacho e os soldados cometendo toda a casta de vandalismos”¹⁶.

¹⁴*A Cidade*, Salvador, 15 de outubro de 1917, p.1. Biblioteca Pública do Estado da Bahia (BPEB).

¹⁵*A Cidade*, Salvador, 13 de novembro de 1917, p.3. BPEB.

¹⁶*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1917, p.1. Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional.

Nessa matéria as informações procuram transparecer uma ideia de força para Kerensky, perfil que também aparece em outras edições ao abordarem essa liderança como uma representação positiva das “boas” mudanças, enquanto comunica desvantagens militares para os bolcheviques, ou seja, os mais “fracos”, identificando seus aliados como “vândalos” promovedores de “anarquia”, essa caracterização começa a se delinear com mais clarezas nas edições dos meses de novembro e dezembro de 1917.

“*O Estado de São Paulo*” próximo ao fim de novembro de 1917, no resumo das notícias referentes ou relacionadas à Primeira Guerra Mundial na primeira página do dia 22, destacou os seguintes subtítulos para a situação na Rússia: “A próxima organização de um novo governo – O Senhor Trotsky assume a pasta do interior – Reina a anarquia em Petrogrado”. Um telegrama de Petrogrado explica melhor o cenário e registra que Lênin e Trotsky em alguns dias anunciariam um governo de operários e camponeses, ao lado uma notícia de Washington que o governo norte-americano suspendeu, “provisoriamente, às expedições destinadas a Rússia, até que a situação política se torne ali mais claro”¹⁷.

No final de novembro as notícias começam a informar com mais definições os rumos dos acontecimentos políticos, já registra um novo governo de caráter operário e camponês sob a liderança de Lênin e Trotsky, e a associação com “anarquia” permanece, aparecendo a importância das reações norte-americanas para a compreensão da escolha política dos russos no final de 1917.

O gaúcho “A Federação” em 04 de dezembro de 1917 publica uma matéria de um correspondente de Roma que analisava as atitudes de Lênin e Trotsky como “proveitadores das debilidades e vacilações” do governo provisório, por isso que esse “pretense governo escalou a chefia da nação vociferando preceitos revolucionários” e estabeleceu na Rússia um “regime de terrorismo pior que o czarismo”. O jornalista, de nome não identificado, apontou que “Lênin e seu grupo tratavam de conquistar a simpatia das classes populares, incultas, proclamando o advento imediato do regime utópico, apenas sonhado pelo mais estremado ou louco dos socialistas”¹⁸.

¹⁷*O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 de novembro de 1917, p.1. Acervo Digital – O Estado de São Paulo.

¹⁸*A Federação*, Porto Alegre, 04 de dezembro de 1917, p.4. Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional.

Nos primeiros dias de dezembro de 1917 verificamos o foco das notícias em Lênin e Trotsky, identificados como “aproveitadores”, “terroristas”, “loucos” e por entrelinhas, “desonradores da pátria”. Nota-se como no segundo semestre de 1917 os jornais começam a construir o arquétipo dos bolcheviques através do destaque de seus personagens principais.

Em dezembro os jornais acompanham as tensões em torno das negociações de paz entre a Rússia e a Alemanha com destaque para a pressão sob o posicionamento dos aliados e as decisões do novo governo soviético qualificado como “extremista”, mas ainda com informações que criavam a expectativa do retorno de Kerensky.

Na primeira quinzena de dezembro se detecta fatos relacionados a Guerra Civil com destaque para a região do Don, Montes Urais e Ucrânia, mas a possibilidade de derrota dos bolcheviques na Assembleia Constituinte era explorada com informações sobre as divergências entre os grupos socialistas, onde se destaca os rumos do armistício.

É possível verificar registros dos decretos do governo soviético no que tange a nova organização do poder judiciário interligado com a caracterização de “violência” para os atos dos “maximalistas”, nome ainda utilizado para identificar os bolcheviques, mas agora também descredenciando Kerensky e acrescentando o aspecto do desrespeito às leis na permanência da situação de “anarquia”.

O jornal baiano “*A Cidade*” também utiliza em onze de dezembro a palavra “anarquia” para dizer que “Toda a Rússia está anarquizada”, no dia seguinte informa que as eleições para a constituinte resultou em maioria para os “maximalistas”, para a coluna de treze de dezembro informa que havia “combates furiosos” nas ruas de Moscou e um despacho do Cônsul da Suécia orientando os suecos a saírem da cidade¹⁹.

Num ritmo diário de notícias, em 14 de dezembro há uma linha na terceira página que diz “os socialistas russos estão cindidos em dois grupos”, na coluna ao lado informa que no sul os “maximalistas” haviam sido derrotados pelos cossacos sob a liderança de Korniloff. Nota-se que no mês de dezembro, o “*A Cidade*” que um formato mais constante de informações russas do acirramento dos conflitos²⁰.

¹⁹A *Cidade*, Salvador, 11 de dezembro de 1917, p.3. BPEB.

²⁰A *Cidade*, Salvador, 14 de dezembro de 1917, p.3. BPEB.

“*A Federação*” em 13 de dezembro de 1917 informa que “na reunião do Congresso do partido socialista revolucionário deu-se o rompimento decisivo entre os socialistas revolucionários da esquerda e os da direita”. Posteriormente divulga uma matéria do parisiense “*Le Journal*” que comentava haver “grande inquietação nos círculos maximalistas, pois estes não têm ilusão sobre a péssima impressão que causaram em toda Rússia as negociações do armistício para a paz com a Alemanha”, e o poder dos “maximalistas” declinava de forma “rápida e visível”, com a população, tropas e organizações operárias começando a “desprezar sua autoridade”, colocando-se “ao lado do congresso dos camponeses que sempre se negaram a reconhecer o novo regime”²¹.

Há aqui uma exploração das rupturas dos grupos socialistas estimulando uma análise de enfraquecimento político dos bolcheviques. Mas, quando surge uma informação de posição do governo soviético que indique algum acirramento nas negociações com a Alemanha recebe destaque no noticiário.

O referido jornal gaúcho segue com notícias sobre a Rússia, publicando um artigo do “*Pravda*” que garantiam saber o significado dos “imperialistas alemães”, “todavia parece-nos que eles estão dispostos a reconhecer o programa de paz da Revolução Russa, e se assim não for, se os dirigentes alemães pretenderem fazer a paz com sacrifício e humilhação”, todos os “revolucionários russos tomaram armas para defender a honra da revolução”.

Na véspera do natal de 1917, “*A Cidade*” dar o título, “Revolução em Petrogrado”, para o parágrafo que segue informando: “Começou a Revolução em Petrogrado. Os maximalistas não cumpriram as promessas e escravizaram o povo faminto nas mãos dos inimigos”. Na mesma terceira página utiliza a chamada “A anarquia na Rússia” para dizer que os “maximalistas” cometiam violência para “amedrontar a população”, assim prendiam socialistas revolucionários e cadetes²².

“*A Cidade*” fecha a edição do último dia de 1917 informando sobre o andamento das negociações de paz entre a Rússia e a Alemanha e no último post

²¹*A Federação*, Porto Alegre, 13 de dezembro de 1917, p.6. Hemeroteca Digital - Biblioteca Nacional.

²²*A Cidade*, Salvador, 24 de dezembro de 1917, p.3. BPEB.

internacional de 1917 traz a desmoralização dos cossacos que “negam-se a combater os maximalistas”²³.

O Ano Novo iria começar com expectativas de como caminharia 1918 para a Rússia, se os “maximalistas” seriam derrotados e qual forma de armistício seria negociada e seus impactos para a situação dos Aliados apoiados pelo Brasil.

Um panorama inicial da cobertura da imprensa operária sob a Revolução Russa

Numa análise inicial das notícias russas veiculadas entre 1917 e 1922 é possível verificar que após um período de poucas notícias, há um esforço na grande imprensa em transmitir informações com uma ideia de aceitação da Revolução de Fevereiro de 1917 por sua característica “anti-alemã” e a partir da tomada do poder pelos soviets e a radicalização das ações operárias no Brasil, as notícias começaram a serem veiculadas numa ofensiva crítica, quando se apresentam ideias anti-comunistas. Na imprensa operária a Revolução Russa se torna inspiração e horizonte de libertação social, bem como, objeto de debates políticos sobre sua interpretação entre os jornais operários.

O jornal operário paulista de influência do pensamento anarquista, “*A Plebe*”, no dia 16 de junho divulgou uma matéria assinada por *Helio Negro* com o título “A Revolução Russa” nela o autor iguala as causas da guerra e da revolução: “a posse individual de bens produzidos pela coletividade”, por isso a Revolução Russa seria resultado da Primeira Guerra Mundial, sendo “fomentada e alimentada no começo pela democracia financeira na Rússia de comum acordo com os aliados” após reconhecerem a impossibilidade de evitar as traições da Côrte Russa em favor da Alemanha. Mas, autor avalia que a Revolução não parou nos limites desejados pela burguesia e não se sabia ainda por onde caminharia, acreditava que “os anarquistas iriam colocar a questão no bom caminho”²⁴.

Num dos primeiros registros de escritos sobre a Revolução Russa na imprensa operária nota-se uma análise conjuntural que identificava a importância das consequências da Primeira Guerra Mundial para os acontecimentos na Rússia, os interesses da burguesia e dos aliados no governo provisório e a disputa pelos rumos das escolhas políticas, na qual aparece um papel de destaque para os anarquistas já que ainda é um momento inicial de contato do periódico com as informações russas.

²³A *Cidade*, Salvador, 31 de dezembro de 1917, p.3. BPEB.

²⁴A *Plebe*, São Paulo, 16 de junho de 1917, ano I, n.2, p.2. CEDEM - UNESP.

No final do mês de junho se verifica no “*A Plebe*” uma coluna chamada “O arrebol da liberdade – a grande epopeia russa” apontando que a “imprensa burguesa” associava de forma equivocada a Revolução Russa com a Duma monárquica e os generais pan-eslavistas e ocultava a ação proletária e o papel dos socialistas que haviam assumido a direção do movimento operário logo após os conflitos de junho. A matéria segue registrando que o Partido Social Democrata havia lançado um manifesto convidando operários e soldados para nomearem delegados a um Conselho para agir “contra as forças da reação” e fiscalizar “os atos do governo provisório”²⁵.

No limiar do segundo semestre de 1917 a imprensa operária começa a realizar debates sobre as informações veiculadas pelos jornais da grande imprensa destacando o funcionamento do Conselho de Operários e Soldados e a participação dos socialistas que constroem outra posição sobre a questão da guerra.

O “*A Plebe*” ainda na primeira edição da coluna “Arrebol da liberdade” divulga uma carta de um jornalista anarquista francês, *Jean Grave*, datada de 31 de março, onde ele dizia que os russos estavam dando lições de liberalismo com a restituição da independência da Finlândia e Polônia, a apropriação das municipalidades da direção das subsistências, o acesso para as mulheres de todos os empregos, abolição da censura, e a organização pelos camponeses de suas próprias milícias. A carta conclui falando sobre a influência exterior do exemplo da Revolução Russa, que poderia chegar à Alemanha, segundo o autor seria um “contágio” possível.

O respectivo jornal paulista indica a possibilidade de a revolução ter contribuído para superar as divergências entre os revolucionários, na expectativa de que isso pudesse acontecer em outras partes reconciliações. Assim, para o “*A Plebe*” era “mais uma razão para unirmos as nossas esperanças às de *Grave*” que apesar das discordâncias, a sinceridade “nunca pensamos em discutir”.

O contato francês do “*A Plebe*” demonstra a existência de uma rede internacional relações por onde acontece troca de informações e debates políticos sobre as questões da Revolução Russa, cujas divergências de opiniões nesse período ainda não se aprofundaram inclusive na expectativa de unificação em torno das novas possibilidades revolucionárias.

²⁵*A Plebe*, São Paulo, 30 de junho de 1917, ano I, n.2, p.2. CEDEM – UNESP.

“*A Semana Social*”, jornal operário de Maceió, em 14 de julho de 1917 publica uma matéria assinada por *Gracindo Alves*, alfaiate, colaborador do jornal, segundo o qual o povo russo no “ímpeto de revolução popular” dava ao mundo o “exemplo mais grandioso e digno de ser observado” que ensinava “o caminho a seguir”. O autor ao fim se garante nos telegramas para afirmar que se falava numa Rússia socialista que colocava em prática “o problema da emancipação” com o primeiro passo do socialismo de Estado, “se bem que não seja tudo”. Aqui também, entre os jornais operários, o recurso às informações vindas por telegramas parecem constantes, e a expectativa era grande pelo aprofundamento das escolhas socialistas entre os revolucionários russos²⁶.

A greve geral paulista de quatro dias é notícia principal da edição de 21 de julho do “*A Plebe*” com o seguinte título “Prenuncio de uma era nova – o proletariado em revolta anuncia seu direito à vida”, começa explicando que devido à “situação de torturas morais e de atroz miséria”, a plebe havia perdido a paciência e “saiu para a rua afirmando o seu direito à vida”. Por isso, aconteceu um “imponente movimento popular” que a “história deste país não registrou outro de tão grande importância”. A avaliação do “*A Plebe*” era de que foi uma “grande lição” para que na próxima ação estivesse mais organizada e decidida²⁷.

Nessa mesma edição de 21 de julho que marcou a história do “*A Plebe*” com registro fotográfico da imagem do enterro do sapateiro Martinez, quando estacionado na rua 15 de novembro, há uma coluna, assinada pelas iniciais *F.G.*, intitulada “Imitemos a Rússia” explicando ser a Primeira Guerra Mundial e a corrupção da administração pública responsáveis pelo aumento do custo de vida e dos impostos, situação que era “desesperadora e intolerável” cuja saída era a revolução, aconselhando que se deveria tirar da guerra a defesa de uma causa para “agitar e exortar” a massa ao exemplo da Rússia²⁸.

A matéria demonstra que a Revolução Russa já era referência para o movimento operário no período da greve geral paulista de 1917, ao menos enquanto força do exemplo para dar continuidade ao ânimo para o avanço das lutas sociais.

²⁶*A Semana Social*, Maceió, 14 de julho de 1917, p.1. CEDEM – UNESP.

²⁷*A Plebe*, São Paulo, 21 de julho de 1917, ano I, n.2, p.1. CEDEM – UNESP.

²⁸*A Plebe*, São Paulo, 21 de julho de 1917, ano I, n.2, p.3. CEDEM – UNESP.

O jornal carioca, “*O Debate*”, de 26 de julho, apresenta uma matéria com o título “O exemplo da Rússia - teremos também um Comitê de Soldados e Operários?” que começa se referindo a um discurso do Deputado Federal, Nicanor do Nascimento, que declarava a “inércia dos poderes públicos em relação ao grande problema da fome”, resultaria em um “Comitê de Soldados e Operários, que, a exemplo da Rússia, tratará diretamente das soluções urgentes reclamadas pelo povo faminto”²⁹.

A Revolução Russa seria então assunto da Câmara Federal, demonstra ser de conhecimento de Deputados e conteúdo de debates, cujo tema em destaque também para o interesse do sucesso do movimento grevista parece ser o exemplo russo do funcionamento do “Comitê de Soldados e Operários” que foi colocado em relevo até por uma ação de organização de mulheres.

O final da matéria apresenta um manifesto assinado por “um grupo de mulheres grevistas” que convoca os soldados a se unirem ao movimento operário, “vós também sois da grande massa popular, e, si hoje vestis a farda, voltareis a ser amanhã os camponeses que cultivam a terra, ou os operários explorados das fábricas e oficinas”.

No final de julho, o “*A Plebe*” publica uma matéria sob o título “Da tirania para a liberdade – algo sobre a Revolução Russa”, onde esclarece que devido à falta de conhecimento da vida russa ainda não era possível uma “apreciação profunda e fundamentada da revolução” e seguia explicando que a “falta de um caracterizado movimento anarquista, devemos contentar-nos com as manifestações das várias correntes socialistas” e em “aceitar” apesar das desconfianças, do método parlamentar que “se opera nas massas russas”, pois são os atos e declarações de parlamentares e políticos socialistas que “chegam até nós”. Esta respectiva coluna do dia 28 de julho não estava assinada, ao esclarecer a dificuldade de informações demonstra que há um esforço jornalístico no âmbito das relações internacionais para a publicação de notícias russas e como verificamos em outras matérias é possível perceber que há caminhos via Lisboa e Paris³⁰.

Na edição da coluna “O Arrebol da Liberdade” do dia 11 de agosto, “*A Plebe*” publica uma nota transmitida em seis de maio de Petrogrado aos jornais franceses, onde consta uma resolução do Conselho dos Operários e Soldados de renúncia a uma política

²⁹*O Debate*, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1917, ano I, n.3, p. 7. CEDEM – UNESP.

³⁰*A Plebe*, São Paulo, 28 de julho de 1917, ano I, n.7, p.2. CEDEM – UNESP.

de conquistas que havia sido encaminhada pelo governo provisório aos aliados, destacando as intenções das negociações de paz e a execução de uma deliberação do respectivo Conselho como um fortalecimento da democracia revolucionária russa³¹.

“*A Plebe*” demonstra acompanhar com interesse o avanço das ações do Conselho dos Operários e Soldados como demonstra a regularidade do tema nas matérias e nesse caso, também, o formato do subtítulo: “Dados interessantes – os sucessos de 2 a 4 de maio”.

Em mais uma edição da coluna “Arrebol de Liberdade” no início da segunda quinzena de agosto, o tema era a defesa da revolução contra os inimigos internos e externos e a fonte das informações vinha do jornal francês *Le Temps* que publicou uma comunicação do Conselho de Operários e Soldados de 01 de junho onde reafirma a opção por resolver a questão da paz sem anexações ou indenizações e convoca o exército para esse objetivo e “manter-se forte e vigilante contra o inimigo externo da Revolução”³².

Nessa coluna de 18 de agosto também há referência a uma publicação do “*Pravda*” que denuncia a tentativa do imperialismo em “sufocar a revolução”. “*A Plebe*” faz uma nota explicando que o “*Pravda*” era um órgão de Lênin, “o tão caluniado militante do partido socialista que luta e sofre há 25 anos pela sua causa e que na Rússia todos conhecem e respeitam, mesmo os seus adversários”. Ao final é apresentado como de autoria de Lênin, o seguinte programa para a Revolução: confisco e partilha da terra, fim da guerra, entrega do poder aos conselhos de operários, soldados e camponeses, e publicação das convenções secretas dos governos aliados.

O perfil de Lênin aparece em um de seus primeiros momentos nas páginas dos jornais operários como um militante de longa trajetória política e de pouco conhecimento no Brasil, assim a apresentação das suas ideias programáticas já compõem um quadro de melhor entendimento das tendências socialistas russas.

Na matéria de página inteira em “*O Debate*” de 29 de setembro é destacada a pergunta “Quem é Lênin?” para esclarecer os “comentários e qualificativos mais

³¹*A Plebe*, São Paulo, 11 de agosto de 1917, ano I, n.9, p.4. CEDEM – UNESP.

³²*A Plebe*, São Paulo, 18 de agosto de 1917, ano I, n.10, p.2. CEDEM – UNESP.

disparatados”, principalmente a versão sobre ele ser um agente alemão disfarçado em socialista. A referência é um artigo de um socialista franco-russo, *Rapport*, publicado no jornal francês “*Le Journal du Peuple*”, que diz ser Lênin conhecido pelos militantes socialistas russos “há mais de vinte anos” como um “homem de incorruptível caráter, imaculada vida, vontade de ferro, clareza e simplicidade”, “propagandista, agitador e organizador de grande talento” que rompeu com Plekanov em 1903 para formar outro partido, “os bolcheviques”. *Rapport* afirma que o erro fundamental de Lênin seria “o desconhecimento da complexidade da vida social” e a “ignorância da lei fundamental da história, a saber: se às vezes as minorias “fazem” de surpresa a história, as majorias as desfazem”³³.

O jornal carioca utiliza as lentes do contato francês na tentativa de desnudar quem é, e o que pensa esse importante personagem russo, então é com o olhar de um parceiro francês que começa a chegar nas páginas operárias brasileiras um molde de Lênin, liderança que chamava para si a atenção e o interesse de todo mundo jornalístico.

O jornal carioca “*O Cosmopolita*”, “órgão dos empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bares e Classes Congêneres”, no primeiro dia de dezembro estampa a litogravura de uma jovem em gesto de grito com o nome “O que grito que nos vem da Rússia” e em duas colunas reproduzem reportagens enviadas do periódico “*Aurora*”, originário do Porto. Numa dessas colunas está o nome de Lênin como título, o conteúdo é de autoria de *Rapport* que mais uma vez esclarece as perseguições à liderança russa afirmando que “nós te conhecemos”, “um ativo de 25 anos de lutas, de sofrimentos e de angústias”, “não podemos acreditar nas infâmias e nas calúnias”, e no momento de dúvidas sobre quem sairia vencedor escreve ao final que seja qual for o destino o nome de Lênin iria “brilhar de viva luz”, e seu ideal de vida se perpetuaria “incessantemente, através do espaço e do tempo”³⁴.

Para completar o recurso da imagem postado no centro da primeira página e rápidos parágrafos dedicados a um dos personagens principais, há uma longa matéria originária do periódico de Turim, “*Do Grido del Popolo*” com as iniciais A.G. em sua autoria, talvez pelo período que era inclusive diretor do jornal italiano é possível que se

³³*O Debate*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1917, ano I, n.11, p. 4. CEDEM – UNESP.

³⁴*O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 01 de dezembro, ano II, n.22, p.01. CEDEM – UNESP.

refira a Antonio Gramsci, que no artigo se preocupa em destacar o papel dos “maximalistas” russos como essenciais para a realização e continuidade da Revolução.

O material italiano é antecedido por alguns parágrafos iniciais que estão sob a chamada de “A Revolução Russa – Os maximalistas”, neles a Revolução Russa é apresentada como uma “formidável tarefa de reconstrução social e econômica” que foi responsável pelo fim dos privilégios de casta e do “edifício da tirania”. A preocupação da transcrição de matérias portuguesas do “*Aurora*” é justificada como uma forma de melhor conhecimento da “significação real dos acontecimentos”, as “figuras de maior relevo” e os “grupos revolucionários de vanguarda” e assim “desfigurar” a “grandeza da lição” daquele “imenso cenário revolucionário”.

No mês de dezembro aumenta o número de reportagens sobre a Revolução Russa numa mesma edição de “*O Cosmopolita*” indicio de que importante ponte jornalista com os portugueses indica alguma regularidade na relação entre eles, que permite a conexão com franceses e italianos para acessar o painel do conteúdo revolucionário russo.

Uma das últimas edições de 1917 de “*O Cosmopolita*” que consta matérias sobre a Revolução Russa é datada de 15 de dezembro e traz uma longa coluna de duas páginas sobre a biografia de Trotsky que cita um conteúdo do jornal nova-iorquino “*The Day*” usado na sua descrição como “simpático, estatura regular, costas largas, olhos azuis, grandes e muito atraentes”. Ao final da coluna na segunda página, “*O Cosmopolita*” demarca que há discordâncias doutrinárias com o “atual ministro das relações exteriores da Rússia”, mas faz justiça a “integridade do seu caráter ímpoluto” como “membro do governo maximalista” que “procura harmonizar todos os seus atos com as convicções teóricas arraigadas na sua mentalidade e nunca desmentidas pelo seu passado de luta”³⁵.

Em dezembro surge Trotsky nas manchetes dos jornais operários que se mostram preocupados não apenas em divulgar os “maximalistas” russos, mas também em garanti a defesa da integridade das respectivas intenções políticas.

As páginas dos jornais operários no mês do natal de 1917 estão em busca de dialogar sobre a importância do exemplo da Revolução russa e apresentar o perfil

³⁵*O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15 de dezembro, ano II, n.23, p.01. CEDEM – UNESP.

biográfico de Lênin e Trotsky, o novo ano virá com mais debates temáticos sobre os próximos passos russos.

Considerações finais:

Na mitologia grega, o fio de Ariadne, princesa da ilha de Creta, proporcionou a Teseu encontrar o caminho de saída do labirinto do Minotauro. A importância histórica da imprensa para o contato dos brasileiros com a Revolução Russa pode ser investigada como um fio que conecta experiências e influencia na construção de visões de mundo e projetos sociais.

Assim, num breve panorama do noticiário Revolução Russa é possível observar como a investigação desse conteúdo jornalístico pode indicar vestígios das formas como a imprensa brasileira construiu sua abordagem, consolidando valores, opiniões, ideias política, que perpassam pela história social do Brasil até o tempo presente, influenciando as escolhas e o pensamento da sociedade brasileira.

No âmbito das formulações das teorias do jornalismo há recentes enfoques sobre o papel dos meios de comunicação em processos políticos que podem contribuir com o enriquecimento da historiografia da imprensa. Mauro Porto, por exemplo, apresenta o conceito de “enquadramento” como um paradigma inovador que está dinamizando o campo da comunicação política ao proporcionar uma nova perspectiva para entender o papel da mídia³⁶.

Porto apresenta os aspectos centrais do conceito de enquadramento formulados por Robert Entman para aplicações na análise de conteúdo da mídia, tais como saliência em um texto comunicativo para aspectos selecionados da realidade de forma que promove uma “definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito”³⁷.

No intuito de apresentar teóricos que contribuem na especificação dos níveis de análise para diferenciar os tipos de enquadramentos, Porto aponta os passos dados por autores como Michael Maher que distingue entre os “enquadramentos da mídia”, criados pelos jornalistas, e os “enquadramentos culturais” que independem dos

³⁶PORTO, Mauro. “Enquadramento da mídia e política”. IN: RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *Comunicação e Política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004, p.74.

³⁷Ibid, Op, Cit, p.82.

jornalistas e estão mais no plano cultural mais amplo. A segunda recomendação salutar de Porto é que o pesquisador deve analisar além dos enquadramentos dominantes ou de grupos influentes, mas também interpretações promovidas por movimentos sociais ou de oposição. A terceira orientação para pesquisas futuras seria desenvolver uma análise sistemática de conteúdo da mídia com um enfoque integrado que inclua análise de conteúdo quantitativa e outra textual mais qualitativa.

As notícias sobre a Revolução Russa na imprensa brasileira apresentam formas de enquadramento dos acontecimentos e saber quais eram esses proporciona a pesquisa identificar possíveis formas de recepção e efeito no meio social desses jornais e compreender quais são as bases comunicativas da construção histórica dos matizes de sentidos da Revolução Russa que os brasileiros construíram e transmitiram as gerações posteriores.

O estudo dos olhares diversos da imprensa sob a Revolução Russa tem o desafio de iluminar a construção de chaves de leituras para pesquisas que se propõem investigar como os periódicos apresentavam informações, emitiam suas mensagens e escolhiam seus procedimentos para realizarem a cobertura jornalística dessa experiência que revolucionou visões de mundo, impulsionou mudanças políticas e fundamentou reações conservadoras.

É importante frisar que cada jornal possui o seu lugar social de um determinado tempo e cabe ao pesquisador na abordagem crítica das fontes está atento aos procedimentos metodológicos para problematizar as relações de poder que cada periódico está inserido e como eles atuam no cenário político para desvendar como a imprensa na sua prática social modela pensamentos e ações, definem papéis sociais e universaliza posições e interpretações³⁸.

Neste trabalho procurei abordar fontes de uma pesquisa inicial das notícias da Revolução Russa na imprensa brasileira baseada em jornais da grande imprensa e da imprensa operária. O desenvolvimento dessa pesquisa aponta para uma ampliação dos estudos que dialogue com os enfoques do campo da comunicação política, por isso apresentei sugestões preliminares como o conceito de enquadramento para enriquecer o

³⁸CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: EDUC/FAPESP/Arquivo do Estado, 2000.

estudo da abordagem que os jornais elaboraram da Revolução Russa e o impacto sob a elaboração dos sentidos dessa experiência pela sociedade brasileira.

Fontes:

A Cidade. Salvador – 1917

A Federação. Porto Alegre - 1917

A Plebe. São Paulo – 1917

A Semana Social. Maceió - 1917

Correio da Manhã - 1917

Correio Paulistano. São Paulo – 1917

O Cosmopolita. Rio de Janeiro - 1917

O Debate. Rio de Janeiro – 1917

O Estado de São Paulo. São Paulo - 1917

Referência Bibliográfica

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARTZ, Frederico Duarte. *O horizonte vermelho: o impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917 – 1920*. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2008.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: EDUC/FAPESP/Arquivo do Estado, 2000.

_____ e PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. IN: *Projeto História*, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez. 2007.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LUCA, Tania Regina de e MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PINSKY, Carla B. *Fontes históricas*. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2006.

RUBIM, Antonio Albino Canelas (org.). *Comunicação e Política: conceitos e abordagens*. Salvador: Edufba, 2004.

TROTSKY, L. *A história da revolução russa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978-1980.3v.